

A Gramaticalização do Item “*mesmo*”:

a mudança nas línguas românicas¹

Anna Karolina Miranda Oliveira²

Vanessa Cacciaguerra³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo estudar o estatuto do item *mesmo* na língua portuguesa e, comparando o estatuto atual com os empregos herdados de sua raiz etimológica, delinear as mudanças ocorridas, comparando-o com termos correspondentes em diferentes línguas que compartilham a origem latina, a saber: *mismo* (espanhol), *mateix* (catalão), *même* (francês) e *medesimo* (italiano). O *corpus* selecionado para análise constitui-se de amostras das décadas de 1940 e 2000, extraídos de informantes espontâneos transcritos sem norma científica. Para a análise e interpretação dos dados, tomamos como base a Gramaticalização (HEINE, CLAUDI & HÜNNENMEYER, 1991), a proposta funcionalista que se preocupa em descrever os mecanismos de mudança que propulsionam os empregos mais gramaticais dos termos da língua, através de uma progressão unidirecional que fomenta mudança em diversos aspectos lingüísticos, tais como a frequência de uso, a produção fonêmica, a função do termo dentro da estrutura lingüística e seu significado. Neste trabalho particularmente, é neste último que repousa o enfoque, já que trataremos as ocorrências primordialmente por seu caráter semântico.

Palavras-chave: Gramaticalização; Mesmo; Línguas Românicas

¹ Este artigo é parte de trabalho apresentado no IV Encontro Anual do Grupo Mudança Gramatical do Português (USP/CNPq), o qual abrange resultados parciais da pesquisa de iniciação científica da primeira autora, financiada pelo CNPq.

² Graduanda do curso de Letras Português e Espanhol da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo Mudança Sociolinguística do Português e História do Português Paulista, e bolsista CNPq. E-mail: anna.oliveira@usp.br

³ Mestre pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: vanessa.cacciaguerra@gmail.com

Introdução

A mudança constante é característica intrínseca da comunicação verbal, como mostram o sem-número de línguas que conhecemos que derivam de uma mesma origem comum, apesar de cada uma ter produzido ao longo dos séculos intensas e particulares mudanças, geradas por intensos e particulares eventos sociais de seus falantes.

No entanto, apesar de cada língua dispor de uma lógica interna singular, as línguas românicas compartilham do mesmo *hardware*, e por contarem com os mesmos processos cognitivos, não raro encontram-se exemplos de línguas diferentes que percorrem caminhos de mudança similares.

Este trabalho visa justamente descrever qual foi o caminho percorrido pelo adjetivo-advérbio *mesmo*, e investigar se o caminho percorrido segue a mesma rota das línguas aparentadas com o português.

Para isso, o primeiro material escolhido para esta investigação foi uma amostra coletada a partir de dossiês do DEOPS/SP⁴, derivados de escutas telefônicas do período da ditadura da década de 1940 em todo o estado, mas sobretudo na cidade de São Paulo. Esta amostra é composta por três gêneros textuais: Ordem de Serviço (OS), Relatório (REL) e Transcrição de Escuta Telefônica (não incidente neste trabalho).

A segunda amostra utilizada, também nas modalidades falada e escrita, é composta por entrevistas documentadas por alunos do curso de graduação em Letras (identificado como DID) e textos jornalísticos da Folha Online (FO), ambos do ano de 2007.

Os *corpora* estão ambos distribuídos entre produções escritas e faladas, para que não houvesse divergência entre as amostras, e foram submetidos aos mesmos critérios de análise.

O material escolhido para fazer a verificação nas línguas românicas foi selecionado a partir de exemplos dos próprios dicionários diacrônicos, sincrônicos e etimológicos utilizados na análise e referenciados nas referências bibliográficas deste trabalho. Todo o material descrito acima corresponde ao *corpus* selecionado para o estudo que se propõe neste trabalho.

⁴ Amostras recolhidas pelo DEOPS-Departamento Estadual de Ordem Política e Social, editadas por Ana Karolina M. Oliveira, que participa de um amplo projeto de estudos sobre o item *mesmo* orientados pela Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes.

Fundamentação teórica

Este trabalho será desenvolvido sob um ponto de vista funcionalista, que aborda o estudo da língua orientado ao uso. Segundo Oliveira (2006:54):

O funcionalismo, assim como a sociolinguística variacionista, rompe com a dicotomia saussureana sincronia/diacronia. A língua funciona sincronicamente e muda diacronicamente. Portanto, sincronia e diacronia acontecem simultaneamente. O dinamismo da mudança é inerente ao próprio sistema linguístico. A língua muda constantemente para se adaptar às exigências comunicativas dos seus usuários (GIVÓN, 1995). Há, pois, uma clara inter-relação entre variação e mudança. (OLIVEIRA, 2006:54)

A gramaticalização é um processo de mudança que ocorre quando um item ou construção lexical passa a se comportar como gramatical, ou quando um item gramatical se torna ainda mais gramatical.

[É] um processo que pode ser encontrado em todas as línguas conhecidas e que pode envolver qualquer tipo de função gramatical, quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função ainda mais gramatical. (HEINE *et al*, 1991a apud GONÇALVES *et alli*, 2007:23)

O princípio fundamental da gramaticalização é o da *unidirecionalidade*, a mudança ocorre unidirecionalmente do significado mais concreto para o mais abstrato. Segundo Heine *et alli* (1991^a apud GONÇALVES *et alli*, 2007:40), a ordem das categorias cognitivas em que se pode observar o processo de abstratização é:

pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

Segundo Gonçalves *et alli* (2007), a metáfora está envolvida com o processo de abstratização dos significados, os quais inicialmente podem ser lexicais ou menos gramaticais e, passando pela metaforização do sentido, se tornam gramaticais ou mais gramaticais.

Segundo Heine *et al*. (1991), a metáfora envolvida na gramaticalização, diferentemente daquela relacionada às figuras de linguagem, seria pragmaticamente motivada e voltada para a função na gramática. A partir dela não se formam novas expressões; predicções preexistentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas a novas situações por meio da extensão de significados: é a 'metáfora emergente', cuja origem, que propicia a gramaticalização, seria de natureza 'categorial'. Esse sentido permite entender que o desenvolvimento das estruturas gramaticais pode ser descrito em termos de algumas categorias básicas e parte sempre, unidirecionalmente, do elemento à esquerda – mais concreto(...). (GONÇALVES *et alli*, 2007:43)

Sob o ponto de vista de Hopper & Traugott (1993 *apud* OLIVEIRA, 2006:56), para um item estar certamente em processo de gramaticalização, é necessário que ele se encaixe em cinco parâmetros básicos: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *decatégorização*. O parâmetro da *estratificação* explica que as novas formas utilizadas para dar significado a algo coexistem com as formas antigas; a *divergência* quer dizer que mesmo com a gramaticalização, a forma original do item se mantém plena; a *especialização* diz que algumas formas do item coexistem com diferenças sutis, e a gramaticalização faz com que algumas formas sejam escolhidas e uma delas pode se especializar e tornar obrigatória; a *persistência* explica que ainda que haja gramaticalização, há vestígios do significado original da palavra no item gramaticalizado; e a *decatégorização* ocorre quando o item gramaticalizado perde características de sua classe muda de classe gramatical (OLIVEIRA, 2006:56).

Etimologia

A etimologia do item *mesmo* é quase um consenso entre os dicionários etimológicos: viria do latim vulgar **metipsimus* ou **metipsimu*. Segundo Nascentes (s.d.), esta palavra latina, **metipsimu*, teria sido usada por Petronio, e seria o “superlativo de *metipse*, resultante da combinação da partícula *met* com o demonstrativo *ipse* (M. Lübke, *Gram.* I, 91, II, 648, *REW*, 5551, *Diez, Dic.* 208, Pacheco e Lameira, *Gram. Port.*, 105, 406, Grandgent, *Vulgar Latin*, n.66, Nunes, *Gram. Hist.*, 249, 121)” (s.d., p.328). A mesma explicação etimológica citada acima, com algumas diferenças pontuais, está em Houaiss (2001) e Cunha (1999).

Nascentes explica que alguns outros autores, como M. Lübke, Leite de Vasconcelos e Nunes, defendem que a grafia **metipsimu* é errônea, e que, provavelmente, a palavra original deve ser **medipsimu*, pois é possível que tenha se originado desta a palavra **medesmo* no português arcaico, posto que há ocorrências da palavra *meesmo* no século XIII (Houaiss, 2001). Neste caso, pode ter havido a apócope da letra *d*, e, posteriormente, a assimilação de uma das letras *e*, formando assim a palavra *mesmo* como a conhecemos hoje. Esta possível ocorrência da palavra **medesmo* no português arcaico aproximaria o português ainda mais de outras línguas latinas, como o francês antigo (*medesme*) e o italiano (*medesimo*).

A língua portuguesa se aproxima ainda de outra língua românica, o espanhol, pois, segundo o dicionário Houaiss, além da ocorrência de formas como *meesmo*, *meesma*, *mesmo* e *menesmo* no século XIII, também há ocorrências da forma *mismo*, o que nos leva a pensar que, neste período, a separação das línguas ainda poderia não estar muito bem definida, e que não havia uma norma determinada para se seguir, ou seja, nenhuma das formas estava de fato fixada, todas poderiam ocorrer na língua. Em ambas as etimologias apresentadas há o problema de falta de registros. Não se tem ocorrências escritas do superlativo **metipsimu* ou da palavra **medipsimu*, acredita-se apenas que **metipsimu* passou a ocorrer como superlativo de *metipse* (imagina-se que na fala vulgar, já que não há registro), e alguns autores apostam na validade da origem ser **medipsimu*, porque a palavra *meesmo* pode ter sido originada por apócope da letra *d* da palavra **medesmo*.

Analisando do ponto de vista das duas etimologias apresentadas, pode-se levar em conta também a possibilidade de nenhuma das duas estar totalmente correta ou incorreta. Se considerarmos que **medipsimu* pode ter sido originada a partir do superlativo **metipsimu* por meio de uma sonorização da letra *t*, teremos então uma evolução completa para *mesmo*; entretanto, isto é apenas uma suposição. A evolução do item *mesmo* do latim para o português, portanto, poderia ser a seguinte:

metipse > **metipsimu* > **medipsimu* > **medesmo* > *meesmo* > *mesmo*

Conforme verificado acima, a origem defendida pela maioria dos autores é que *mesmo* vem de um superlativo **metipsimu*, vindo da palavra *metipse*, a qual se origina da combinação de *met* com o pronome demonstrativo *ipse*. Como esta é a origem mais defendida, esta será a etimologia escolhida para este trabalho.

0 item *mesmo* nas línguas românicas

Como vimos anteriormente, o vocábulo português *mesmo* deriva do latim vulgar, sendo composto por *ipse*, de valor reflexivo, enfatizado pelo prefixo pleonástico *met-* e, não obstante, flexionado no grau superlativo. Esta composição também foi origem etimológica produtiva em outras línguas românicas.

Em italiano, as variantes ortográficas *medesimo* ou *medesmo* operam como reforço enfático do pronome pessoal (“*Il medesimo uomo*”), com valor do próprio pronome (“*Il*

medesimo *rispose*”) ou como simples substantivo, em lugar de *la medesima cosa*. Existem ainda os termos *medesimanza* e *medesimezza*, que são correlatos enfáticos de *medesimo*.

O termo francês *même* também dispõe de múltiplos empregos. Como adjetivo, indica identidade (“*lès mêmes mains*”), podendo ainda participar de proposições comparativas (“*Il fait la même température qu’hier*”). Também atua como pronome indefinido (“*Il est toujours le même*”), e como partícula enfática de pronomes pessoais (*nous-mêmes, vous-mêmes, eux-mêmes*). Nesta língua, o termo correspondente a *mesmo* funciona ainda como advérbio (“*Il est réservé el même timide*”) e participa ainda de locuções adverbiais (*quand même, tout de même*), prepositivas (*être a même de*) ou conjuntivas (*de même que*).

Muitos dos empregos do *même* francês encontram-se no correspondente da língua catalã: *mateix*. Classificado nas gramáticas como sendo um adjetivo demonstrativo, *mateix* demonstra igualdade (“*Isaac i Rebeca el mateix dia s’uniren davant Déu*”), atua como substantivo (“*En lo mateix tantost foren tornados*”), enfatiza os pronomes pessoais (*tu mateix, vós mateix*), enfatiza outro substantivo, dando-lhe caráter extremado (“*Esser la mateixa pontualitat*”) ou ainda participa de locuções adverbiais, como *així mateix, mateix que* ou *tanmateix*.

Em espanhol, o adjetivo *misimo* indica semelhança (“*Es el misimo hombre que vimos ayer*”/ “*Es de la misima cara que su padre*” / “*Soy de la misima opinión*”), reforça enfaticamente o pronome pessoal, seja reto (“*Ella misima lo ha hecho*”) ou oblíquo (“*Valorarse a sí misimo*”) ou emprega-se ainda antecedido de artigo, em função de substantivo (“*Pienso lo misimo*”). Todos estes empregos são freqüentemente usados no superlativo *mismísimo*. Como advérbio, determina proximidade circunstancial (*ahí mismo, así mismo, ahora mismo*) ou também indica indiferença de fatores (“*María misimo lo podría hacer*”/ “*Puedo quedarme con este misimo*”). Destaca-se a locução *asimismo*, que foi gramaticalizada e, além de ser equivalente a *también*, denota ainda o valor conjuntivo de *además* (“*El gran amorio Casanova fue asimismo un destacado escritor*”).

Em português, o item *mesmo* usado como pronome pessoal ou demonstrativo não é aceito pela norma culta, entretanto, sua ocorrência é muito comum entre os falantes da língua portuguesa, inclusive falantes do português culto. Este uso tem sentido anafórico e sempre aparece retomando o pronome, nome próprio (“*Verificar o que está fa/zendo em Spaulo A.V., e o que o mesmo/faz no Rio*”) ou comum (“*não sabe dizer se esse encaminhamento resultou em contratação, pois o mesmo foi feito poucos dias antes de sua*

prisão”) citado anteriormente. Acredita-se na hipótese da etimologia latina, a qual já parecia ter sentido anafórico, tenha influência no uso do item *mesmo* atualmente para que a população opte tão insistentemente por este sentido anafórico com função pronominal ao invés do pronome pessoal *ele/ela* ou do pronome demonstrativo *este/esta*. Como adjetivo, assim como o *mismo* em espanhol, o *mesmo* apresenta-se com o sentido de semelhança (“*Lula fez com Nelson Jobim a mesmíssima coisa que fez com Aldo Rebelo: fingiu que foi, mas não foi*”), como reforço pronominal (“*você mesma tava me contando que tinha assistido esse show né?*”), e com função substantiva (*nos dias seguintes, sucedeu o mesmo*). Como advérbio, tem-se o uso do *mesmo* com sentido de *realmente* (“*Nas projeções petistas, a viabilidade maior é mesmo a candidatura de Serra*”), além da idéia de proximidade circunstancial, assim como em espanhol, (“*e aqui mesmo em São Paulo... tem o M. L. ...*”), e de ocorrer “como vocábulo cujo papel vai além das relações sintático-semânticas contidas na oração” (Houaiss, *online*) (“*Mas, mesmo de longe, acompanhou a polêmica em torno da decoração de seu gabinete*”).

Observamos que, de maneira geral, nas línguas românicas pesquisadas, apesar das diferentes classificações morfossintáticas, as ocorrências do item *mesmo* muitas vezes não passam de nomenclatura divergente, foram encontrados empregos bastante similares, com pouca variação entre as línguas.

Rotas de gramaticalização

Em se tratando agora dos mecanismos de mudança, assumindo que a dinâmica das línguas atua por evoluções cognitivas que passam itens nominais unidirecionalmente em direção às suas propriedades mais funcionais e menos semânticas, e, simultaneamente, seu escopo cognitivo passa a ser menos concreto e mais abstrato (HEINE, CLAUDI & HÜNNENMEYER, 1991), temos indícios de que o item ora estudado já estava fortemente gramaticalizado no latim vulgar, e que as línguas dele oriundas herdaram estas propriedades já gramaticalizadas.

Do ponto de vista gramatical, isto se comprova porque o item *mesmo* não dispõe de um significado concreto próprio, mas sim assume os traços semânticos do termo ao qual se relaciona, tendo como característica intrínseca em si somente características funcionais desde o latim.

Já do ponto de vista semântico, é necessária uma análise diacrônica minuciosa para saber quais as possibilidades semânticas abrangidas pelo item ao longo da história da

língua, mas observemos a escala unilateral de abstratização das categorias cognitivas proposta por Heine, Claudi & Hünnebmeyer (1991):

“Pessoa > Objeto > Processo (Atividade) > Espaço > Tempo > Qualidade”

Heine et Alli (Op. Cit.) propõem que a ampliação semântica dos itens em processo de gramaticalização ocorram nesta ordem, necessariamente da esquerda para a direita. Dada a abrangência deste trabalho, não podemos definir em que medida estes níveis avançaram, mas é possível verificar que, na década de 1940, o item *mesmo* já era produtivo em todas as categorias cognitivas na língua portuguesa, como se pode constatar nas ocorrências extraídas da amostra do século XX:

Categoria Pessoa:

“Snr. D. A., tendo verificado de que o mesmo reside no Rio de Janeiro e, quando de passagem por esta Capital, permanece aqui no máximo 20 minutos, não se ligando com nenhum elemento suspeito.” (DEOPS - OS)

Categoria Objeto:

“Procura identificar os personagens citados na mesma papeleta, D. <Θ> e S. <Θ>, afim de verificar suas atividades,(...)” (DEOPS – OS)

Categoria Processo/Atividade:

“6º) – Firmas comerciais que mais têm transações com o mesmo escritório.” (DEOPS – REL)

Categoria Espaço:

“Ele mora no mesmo prédio da E.”

Categoria Tempo:

“comerciante no Rio de Janeiro, o qual esteve hospedado no apartamento 812, onde deu entrada no dia 23 de Junho e saiu em 30 do mesmo mês, com destino à Curitiba.” (DEOPS – REL)

Categoria Qualidade:

*“Isto o coloca em situação bastante embaraçosa, junto aos seus parentes, chegando **mesmo** a se ver ameaçado em sua herança caso continuasse a viver com dita mulher.” (DEOPS – REL)*

Categoria Semântica Vazia:

Neste seguinte exemplo, o item mesmo aparece desvinculado de qualquer traço semântico, desempenhando papel exclusivamente funcional e indicando ponto avançado de gramaticalização.

*“Nada conseguimos sobre a sua política, **mesmo** porque o investigado não chegou a ser identificado por nós,” (DEOPS – REL)*

Aplicamos as mesmas categorias cognitivas à amostra do século XXI, e os resultados que obtivemos foram os seguintes:

Categoria Pessoa:

*“(...)hã: porque apes/hã: porque eu **mesma** cantei porque(...)(DID 1 – A.M.K)*

*L1 nãh... não... o que há:: assim... eu já respondi muitas vezes essa questão... na verdade o que a: gente caacaba TEM QUE diZER é que... z/ quando... ãhn... quando... ãhn na medida em que é a **mesma** pessoa e:u sei que VA:za aspectos que são da academia... (...)” (DID 8 – L.T.)*

Categoria Objeto:

*“(...)hã:: mas com os **mesmos** instrumentos as mesmas escalas hã: e a língua é uma língua: muito próxima hã: do espanhol(...)” (DID 1 – A.M.K.)*

Categoria Processo/Atividade:

*“No **mesmo** trabalho, o pesquisador conclui também que, entre os muito ricos, 40% estão nessa confortável situação graças a heranças e que, cada vez menos, a origem de suas fortunas vem de atividades produtivas(...)”*

Categoria Espaço:

*“(...)Em 15 de fevereiro de 2003, um artefato a base de pólvora das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) explodiu perto do **mesmo** aeroporto quando a Polícia revistava uma casa onde o artefato tinha sido escondido, matando 15 pessoas.(...)” (FO 30/12/2007 16h28)*

Categoria Tempo:

*“(...)então você pode encontrar digamos no **mesmo** ano uma FESta gaLEga com a sua BANda(...)” (DID 1 – A.M.K)*

Categoria Qualidade:

“L1: muitos desses franceses não eram agradáveis mesmo... outros eram... fantásticos...(...)” (DID 4 - E.F.P.)

Categoria Semântica Vazia:

“Da guerrilha não é difícil passar ao terrorismo, mesmo porque para muitos é apenas uma questão de nomenclatura.(...)” (FO 07/10/2007 02h30)

É possível notar que, assim como já existia em todas as categorias cognitivas na amostra da década de 1940, o item *mesmo* se mantém em processo de abstratização na amostra da década de 2000. O item continua sendo empregado e ainda é produtivo em todas as categorias cognitivas, o que nos faz concluir que o *mesmo* é empregado há pelo menos sessenta anos tanto na sua forma menos gramatical quanto na sua forma mais gramatical. Verifica-se, portanto, que as formas menos gramaticais e mais gramaticais do item *mesmo* coexistem (*divergência*), e que, ainda que sejam empregadas em sentidos diversos, todas mantêm traços do sentido original etimológico, seja o traço reflexivo ou o enfático (*persistência*). Percebem-se claramente aqui os parâmetros de gramaticalização *divergência* e *persistência* de Hopper & Traugott (1993 *apud* OLIVEIRA, 2006) sendo aplicados, respectivamente. Quanto aos demais parâmetros, também é possível aplicá-los a este item: *estratificação* – o item *mesmo* coexiste com as formas *ainda que*, *até*, *realmente*, as quais ele substitui em determinados contextos; *especialização* – em determinados contextos em que se quer enfatizar algo, como em “*assim mais... provocativo mesmo sabe assim...*”, o uso do *mesmo* para dar o sentido de ênfase é obrigatória; *decatégorização* – o item *mesmo*, etimologicamente pronome demonstrativo *ipse*, posteriormente usado de forma menos gramatical como pronome ou adjetivo, passa a ser usado também desempenhando apenas um papel funcional, esvaziado semanticamente.

Chama à atenção um fato presente desde a origem etimológica e que se mantém em nos empregos atuais das diferentes línguas estudadas: o seu caráter enfático e a constante necessidade de reforço. Observamos que a base latina do *mesmo* é o *ipse*, que por si só já representava o *mesmo* tal como o conhecemos hoje, e que tem como função primordial destacar o (pro)nome a que se refere. Em um segundo estágio, a esta raiz foi acrescida o prefixo *met-*, com finalidade meramente pleonástica. A seguir, a composição passou a ser usada no grau superlativo, e assim, neste terceiro degrau, converteu-se nas línguas

neolatinas. E ainda nas línguas românicas observamos a intensificação latente a qual este termo se submete, quando é mais uma vez elevado ao superlativo (*mesmíssimo, mismíssimo, medesimezza*) ou enfatizado por outros recursos lingüísticos não-sintáticos, tais como a entonação vocal ou de sua repetição (*mesmo mesmo!*), recorrente na língua informal. Este fenômeno também é resultado da evolução lingüística, e se explica pela reanálise ocorrida, i.e., com a alta frequência de seu emprego, os falantes deixam de perceber a presença do marcador enfático e vêem a necessidade de acrescentar outro recurso como reforço.

Considerações Finais

Este escrito compõe o primeiro estágio de um estudo amplo sobre o estatuto do item *mesmo* na língua portuguesa que está ainda em projeto, e carece ainda de muito aprofundamento e de importantes critérios de análise, como a evolução sintática do item e os seus empregos discursivos.

Entretanto, mesmo neste estágio inicial, conseguimos averiguar que, do ponto de vista semântico, o advérbio-pronome *mesmo* não só não apresentou mudança significativa nas últimas cinco décadas, como, mais além, sua ampla possibilidade semântica, assimilada do termo com que se relaciona por foricidade, é uma característica presente desde sua origem etimológica.

Pudemos constatar também que as sobrepostas recategorizações de seu valor enfático são ferramentas cognitivas para manter o destaque próprio do termo, na medida em que este sofre reanálise de suas propriedades relacionais. Além disso, pudemos comparar e ver que as línguas latinas compartilham de um quadro bastante semelhante quanto à evolução deste item.

E assim, damos por atingidos os objetivos deste trabalho se este puder constituir motivação e base para pesquisas futuras.

Referências Bibliográficas

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; CARVALHO, C. dos S. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1ª ed. s.d.

OLIVEIRA, J. M. de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, faculdade de Letras, 2006. Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Retirado de: <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/OliveiraJM.pdf>

ALCOVER SUREDA, Antoni Maria & MOLL, Francesc de Borja. *Diccionari Català-Valencià-Balear*. Barcelona: Institut d'Estudis Calatans: 1963.

DICCIONARIO DE USO DEL ESPAÑOL DE AMÉRICA Y ESPAÑA. Barcelona: Vox, 2001.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE. Paris: Lexis Larousse, 2001.

ERNOUT, Alfred & MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 4ª. Ed. Paris: Klincksieck, 2001.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*, Chicago&London: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*, Cambridge: C.U.P. 1993.

HOPPER, Paul, J. (1991): "On some principles of grammaticization", in: TRAUGOTT, Elizabeth C. & HEINE, Bernd (Eds.): *Approaches to Grammaticalization*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1991.

LANGENSCHIEDT'S GROßWÖRTERBUCH. *Deutsch als Fremdsprache*. Berlin: Langenscheidt, 2000.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. 22^a ed. Madrid: Espasa Calpe: 2001.

THE OXFORD DICTIONARY. *Second Edition*. Oxford: Clarendon Press, 1989.